

Assentados queimam florestas na Amazônia

Monitoramento mostra que incêndios florestais seguem a trilha dos assentamentos fazendo um colar na selva

Fotos de Ascânio Seleme

Ascânio Seleme

Enviado especial

• MARABÁ (PA). Os dados são oficiais e estão sendo analisados pelos ministérios do Meio Ambiente, da Agricultura e do Desenvolvimento Agrário. Revelam que os assentamentos do Incra concentram boa parte das queimadas na faixa de terra que desce do Amapá, atravessa o Pará e o Mato Grosso e chega a Rondônia e ao Acre, fazendo um semicírculo em torno do coração da Amazônia. Os assentados que queimam a floresta e desmatam para abrir espaço para pastagens e roçados adotam a mesma prática e os mesmos critérios para a ocupação da terra dos colonos tradicionais da região. Onde há assentamentos, há queimadas, informam os técnicos do Ibama que trabalham com os dados coletados pelos três satélites que monitoram a cobertura florestal brasileira.

Não se pode dizer que os colonos assentados queimam mais do que os fazendeiros da região. Os dados do sensoramento remoto mostram, porém, que eles queimam com a mesma intensidade. O mapa que sobrepõe as queimadas aos locais dos assentamentos (veja ao lado) levanta um problema considerado grave e que vem merecendo cada vez mais atenção dos órgãos envolvidos.

— Nós estamos discutindo com os ministérios envolvidos uma política conjunta para os assentamentos que queimam a floresta. Do jeito que está, não pode ficar — diz Flávio Montiel, diretor de Proteção Ambiental do Ibama.

— O fogo não tem dono, não tem rótulo. Todos usam o fogo. Nosso trabalho é atacar o incêndio florestal e ensinar como fazer a queimada legal — diz Avai Miranda Júnior, gerente do Programa de Combate e Prevenção de Queimadas e Incêndios Florestais (Proarco) do Ibama no Pará.

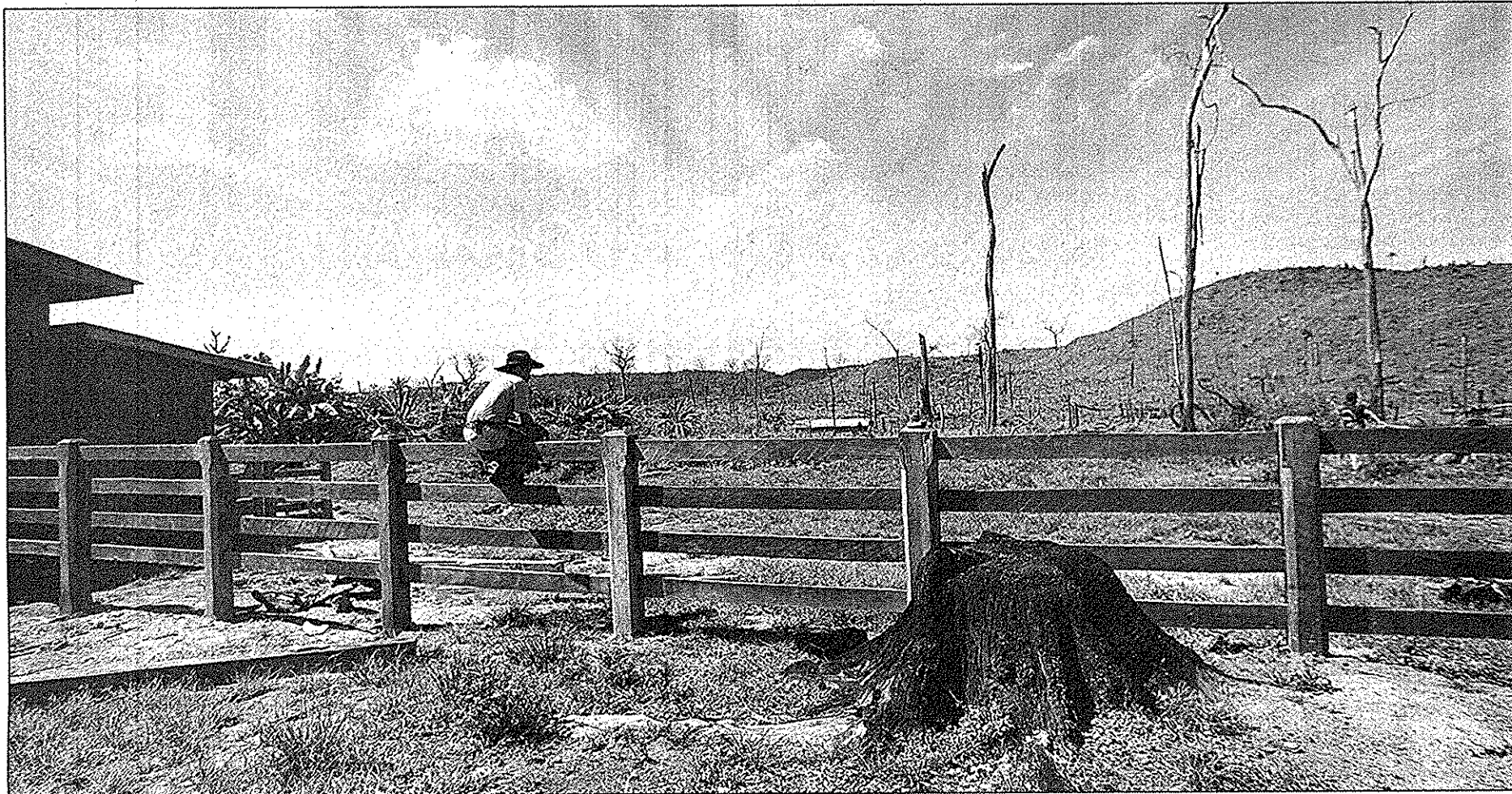
Queimadas controladas

• Em Itupiranga, pequena cidade situada à margem esquerda do Rio Tocantins, a 20 minutos de barco de Marabá, um assentamento com 105 famílias está aprendendo a lidar com o fogo. A líder da comunidade, Josefa Souza e Silva, já fez três queimadas controladas no assentamento. Uma delas quase fugiu de controle, mas acabou sendo contida porque eram muitos os colonos envolvidos. Vinte famílias, pelo menos 60 adultos, trabalharam nestas queimadas coordenadas por ela. Todos, em regime de mutirão, vão fazer outras dez queimadas em terras dos assentados ainda em junho. Mas sempre com muito cuidado.

— Qualquer foguinho aqui vai longe. Já teve gente que perdeu a casa com o fogo que era para ser apenas na roça — conta Josefa.

Ela e o marido Edvaldo mantêm os quatro filhos com o arroz, o feijão, o milho e a mandioca que plantam. Josefa cuida também de dois tanques onde começa a criar peixes que no futuro pretende vender em Marabá. Hoje, a renda familiar chega a R\$ 300 por mês, dinheiro suficiente para abastecer a casa de insumos que ela não produz, como sal, açúcar e óleo, e vestir a família. Junto aos sacos de arroz e milho armazenados num paiol atrás da casa, Josefa mantém equipamentos de combate ao fogo da comunidade.

— Com isso aqui, fazemos nossas queimadas como devem ser feitas — Josefa mostra um abafador, que é uma espécie de mata-mosquito gigante com uma pá de lona pesada, sobra de esteira de fábrica, fixada na ponta de um ca-



PEÃO DE FAZENDA observa os troncos queimados de uma extinta floresta no interior do Pará. Milhares de espécies de árvores protegidas pela lei são derrubadas e viram pasto

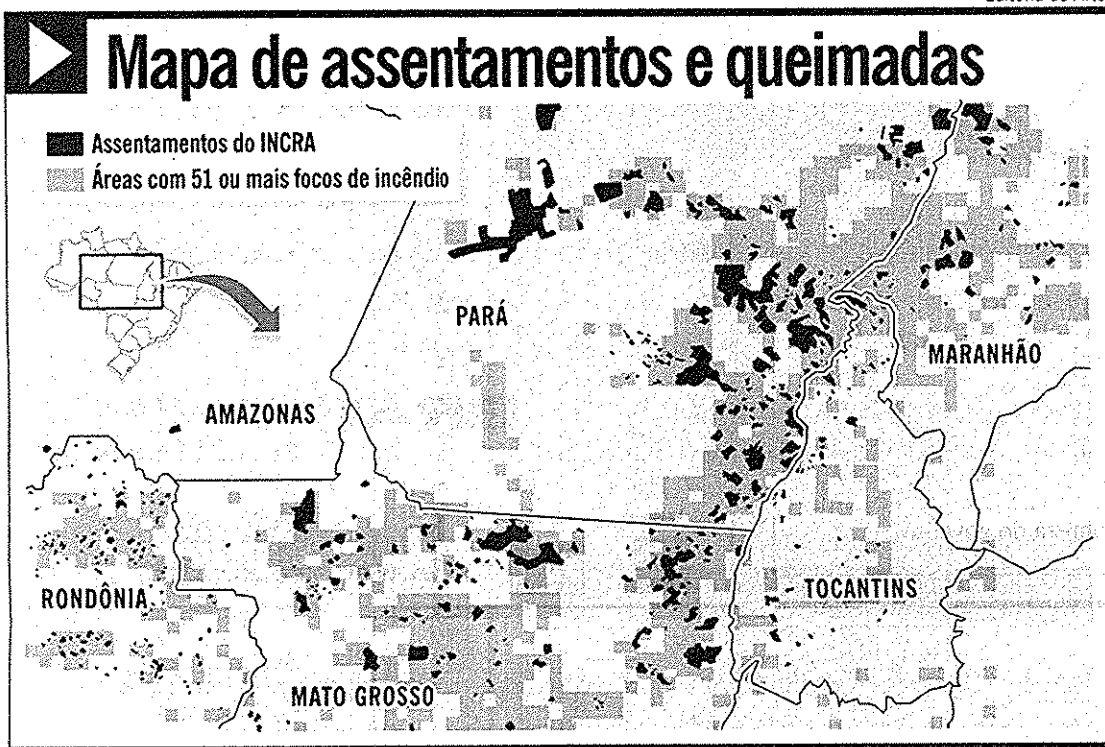
Editoria de Arte

bo de madeira, e que serve para sufocar os focos de fogo.

Vista do alto, a floresta queimada parece uma mancha de sujeira marrom sobre uma superfície de acolchoado verde. Nem mesmo os homens que estão acostumados com a constante derrubada de mata e queimadas na região, como Manoel Monteiro, que vive aqui há 29 anos, conseguem olhar para as enormes feridas abertas na mata sem se incomodar. A bordo do helicóptero usado pela fiscalização do Ibama, vendo pela primeira vez a extensão das marcas que ele e outros tantos fizeram nas terras que cercam a sua casa em Itupiranga, Manoel Monteiro não se conteve:

— Meu Deus, o que fizemos! Isso era um enorme castanhal e agora o que a gente vê é essa vegetação rasteira. A gente tinha que sobreviver, mas podia ter cuidado um pouco.

Monteiro está na região desde 1974. Chegou como assentado do Incra, mas hoje é coordenador regional da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Sul do Pará (Fetagri) e já não mexe mais na roça. Apesar de só agora se tornarem dado oficial e virarem estatística, desde meados dos anos 70 as queimadas e os desmatamentos são rotina nos assentamentos que cercam a floresta amazônica. Monteiro,



que agora faz parceria com o Ibama e colabora com todos os programas ambientais que dizem respeito aos trabalhadores da sua federação, já pegou no machado para derrubar castanheira centenária. A região onde ele e seu irmão Chiquinho Monteiro estão assentados, entre a Rodovia Transamazônica e o Rio Tocantins, é conhecida ainda hoje como Castanhal Rainha.

— Toda essa área, que era

uma antiga fazenda e que hoje é o nosso assentamento, estava coberta de castanheira quando eu cheguei aqui. Arrancamos e vendemos as castanheiras, o resto queimamos para abrir roçado — diz Monteiro apontando o horizonte com o braço direito.

O Castanhal Rainha tinha 3.600 hectares de terra e devia abrigar pelo menos 10.800 castanheiras, segundo Manoel Monteiro, que calcula três árvo-

res por hectare. Elas foram abatidas pelos colonos antes de obterem o registro de posse definitivo. Monteiro diz que, como ninguém sabia se ficaria com as terras, que estavam "enroladas" no Incra, cada um passou a tirar tudo o que suas mãos conseguiram arrancar do chão. E não deixaram nenhuma castanheira para contar a história do Castanhal Rainha. Hoje, os colonos assentados vivem do plantio de arroz, mandioca, milho e

feijão. Alguns, como Josefa, têm lagoas onde criam peixes; outros, como Chiquinho Monteiro, plantam urucum; poucos trabalham com gado.

As imagens são fantasmagóricas

• As enormes castanheiras desfolhadas e queimadas, algumas ainda em pé, mas mortas, sem seiva, sem vida para produzir frutas, ocas, são símbolos fantasmagóricos da ocupação da Amazônia. Estas imagens podem ser vista ao longo de todo o colar de queimadas que cerca o miolo da floresta amazônica, mas na região de Marabá, Itupiranga, Paraupbas, Tucumã, Xinguara, Ourilândia e São Félix do Xingu, todas cidades do sul do Pará, sua presença é macabra. Em alguns pontos, parecem gigantes paliteiros queimados. Em outros, são obstáculos esparsos para o gado que percorre dezenas de milhares de hectares de antigos castanhais.

E vão ser maiores a cada ano. Em um mês, quando a seca chegar nesta região ao sul do Pará, os incêndios vão voltar. Podem ser mais ou menos intensos do que os dos anos anteriores, vai depender do rigor da seca. ■

Castanheiras dão lugar a pasto para gado

Multas por desmatamento rendem até R\$ 5 milhões por mês ao Ibama

• TUCUMÃ (PA). Numa curta viagem de inspeção do Ibama na manhã da terça-feira passada, quatro fazendeiros de São Félix do Xingu e Tucumã foram notificados para explicar os desmatamentos e queimadas que fizeram do ano passado para cá. As clareiras abertas na floresta foram identificadas primeiramente pelos radares. Em seguida, os dados foram sobrepostos a outras imagens tomadas pelos mesmos radares em períodos imediatamente anteriores. Confirmado que o desmatamento é novo e se apre-

senta em local claramente ilegal, o Ibama inicia ações para notificar e multar o dono da terra responsável pelo crime ecológico.

Na operação de terça-feira passada, o dono da Fazenda Beira-Rio foi autuado por pelo menos dois crimes claros cometidos nas terras que possui ao longo do rio Xingu. Primeiro desobedeceu a regra mais primária da preservação, retirando as árvores da margem do rio e desprotegendo a encosta e o seu leito. Depois, não atendeu determinação legal de proteger a mata ao longo dos primeiros 500 metros a partir da margem de rio que tenha cem metros ou mais de largura. Em alguns trechos, o Xingu tem até 250 metros de largura. Outros crimes estão ainda encobertos, mas é evidente que espécies preservadas como a castanheira e o pequi foram queimados e derrubados para a abertura de pastagem.

João Boiadeiro, o dono da fazenda, não estava no local. Segundo o empregado João Paulo Ferreira, que cuida da casa e do curral em construção, Boiadeiro quase não pára ali. Ele é goiano mas mora em Tucumã. A fazenda de 650 he-

ctares, segundo Ferreira, abriga 450 cabeças de gado. Em razão da qualidade do solo e do capim que ele produz, cada hectare aqui deve receber no máximo duas cabeças. Acima disso, o prejuízo ao pasto será sentido em dois ou três anos. Alguns proprietários colocam até quatro cabeças por hectare no primeiro ano, mas depois reduzem para o limite para preservar o capim. Se o fazendeiro João Boiadeiro respeitou esse limite, o desmatamento por ele produzido jogou no chão 225 hectares de floresta virgem.

Multa de R\$ 3 milhões por queimada ilegal

O Ibama vai multar esse e os outros três fazendeiros notificados. No final de março passado, apenas um produtor do sul do Pará, que desmatou 30 mil hectares em suas fazendas, foi multado em R\$ 3 milhões. Flávio Montiel, do Ibama, lamenta que apenas 20% das multas aplicadas acabam entrando de fato nos cofres do órgão. O restante não vira dinheiro por contestações legais de caráter burocrático.

Todos os empregados das fazendas notificadas dizem ser recém-chegados e que es-

tão trabalhando ali há no máximo um ano. Foi assim com José Paulo Ferreira, Jerry Adriani de Souza, Gabriel Machado Filho e Edivan Costa dos Santos. O mais antigo na área é Edivan, que diz estar lá há um ano. O mais recente é o Gabriel, que chegou "tem menos de três meses".

Os peões têm salários diferentes. Ferreira ganha R\$ 12 por dia; Jerry recebe três salários por mês mais duas cabeças de gado no final do ano; Gabriel só recebe um salário mínimo por mês; e Edivan ganha R\$ 500 por mês e pasto à vontade para botar seu próprio gado. São todos pobres, analfabetos ou semi-alfabetizados.

Edivan construiu sua casa ao lado de uma castanheira queimada mas ainda em pé. Um enorme tronco de mais de 50 metros de altura que no início da manhã faz sombra na varanda da casa. O peão não se incomoda com a castanheira morta, mas irrita-se com sua sombra.

— Calculei mal. Boa é a sombra da tarde. (Ascânio Seleme) ■

O repórter viajou ao sul do Pará a convite do Ibama.



EDIVAN DOS SANTOS ao lado da castanheira que faz sombra em sua varanda